



# Revista Educação e Linguagens

Revista dos cursos de Pedagogia e de Letras da Universidade Estadual do Paraná  
Unespar / Campus de Campo Mourão

Vol.16, e162611, 2026

Submetido em: 04/08/2025

Aceito em: 22/01/2026

Publicado em: 06/02/2026

## Oficina de brincar com bebês: corpo e linguagem

Playing with babies workshop: body and language

Taller de juego con bebés: cuerpo y lenguaje

 Bruna Detoni<sup>1</sup>

 Rubiane Severo Oliva<sup>2</sup>



**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a corporeidade do bebê como território sensível e experiencial, a partir da vivência da oficina de brincar com bebês. Fundamentado em autores como Piaget, Bullinger, Parlato-Oliveira e Merleau-Ponty, o estudo discute o corpo como base da percepção, da ação e da construção de saberes. Por meio da abordagem qualitativa e da natureza exploratória, a oficina promoveu o brincar livre como meio de exploração sensorial, motora e relacional, permitindo que os bebês se apropriassem do ambiente e interagissem com diferentes materiais e objetos. Participaram oito bebês, com idades entre três meses e um ano e seis meses, acompanhados de seus cuidadores, em quatro encontros quinzenais. A produção de dados ocorreu a partir de registros em diários de campo, posteriormente analisados conforme os procedimentos da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados revelaram três categorias centrais: corporeidade como expressão de subjetividade; olhar como gesto intencional e antecipatório; e ambiente como mediador de vínculos e descobertas. Essas categorias evidenciam que o brincar livre permite ao bebê expressar sentidos, emoções e saberes, articulando corpo, percepção e interação. O estudo destaca, ainda, a importância de ambientes planejados, intencionais e potencializadores, capazes de favorecer descobertas, relações afetivas e desenvolvimento integral.

**Palavras-chave:** bebês; brincar; corporeidade; desenvolvimento.

**Abstract:** This article aims to analyze the corporeality of babies as a sensitive and experiential territory, based on the experience of the Playing with Babies Workshop. Drawing on authors such as Piaget, Bullinger, Parlato-Oliveira, and Merleau-Ponty, the study discusses the body as the basis for perception, action, and the construction of knowledge. With a qualitative and exploratory approach, the workshop promoted free play as a means of sensory, motor, and relational exploration, allowing babies to appropriate the environment and interact with different materials and objects. Eight babies, aged between three months and one year and six months, accompanied by their caregivers, participated in four biweekly meetings. Data was produced through field diary entries, which were later analyzed according to Bardin's Content Analysis procedures. The results revealed three central categories: corporeality as an expression of subjectivity, gaze as an intentional and anticipatory gesture, and environment as a mediator of bonds and discoveries. These categories show that free play allows babies to express feelings, emotions, and knowledge, articulating body, perception, and interaction. The study also highlights the importance of planned, intentional, and empowering environments that can foster discoveries, emotional relationships, and integral development.

**Keywords:** babies; play; physicality; development.

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Psicóloga na Prefeitura Municipal de Taquara, (PMT), Taquara, RS, Brasil. E-mail: psibrunadetoni@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Professora de Educação Física, Colégio Marista Rosário (CMR), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: rubianeoliva@gmail.com.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la corporeidad del bebé como territorio sensible y experiencial, a partir de la experiencia del Taller de Juego con Bebés. Basándose en autores como Piaget, Bullinger, Parlato-Oliveira y Merleau-Ponty, el estudio analiza el cuerpo como base de la percepción, la acción y la construcción del conocimiento. Con un enfoque cualitativo y de naturaleza exploratoria, el taller promovió el juego libre como medio de exploración sensorial, motora y relacional, permitiendo que los bebés se apropiaran del entorno e interactuaran con diferentes materiales y objetos. Participaron ocho bebés, con edades comprendidas entre los tres meses y el año y seis meses, acompañados por sus cuidadores, en cuatro encuentros quincenales. La producción de datos se realizó mediante registros en diarios de campo, que posteriormente se analizaron según los procedimientos del Análisis de Contenido de Bardin. Los resultados revelaron tres categorías centrales: la corporeidad como expresión de subjetividad, la mirada como gesto intencional y anticipatorio, y el entorno como mediador de vínculos y descubrimientos. Estas categorías evidencian que el juego libre permite al bebé expresar sentidos, emociones y conocimientos, articulando cuerpo, percepción e interacción. El estudio destaca además la importancia de entornos planificados, intencionales y potenciadores, capaces de favorecer descubrimientos, relaciones afectivas y desarrollo integral.

**Palabras clave:** bebés; jugar; corporalidad; desarrollo.

## 1 Introdução

A oficina de brincar com bebês teve seu início em 2022; desde então, foram realizadas cinco edições. Compreendendo o brincar como parte fundamental das infâncias, a oficina busca proporcionar um espaço de estar e brincar para e com os bebês, crianças pequenas e cuidadores, de modo que seja possível a vivência do lazer e do encontro, em um ambiente em que bebês e crianças sejam vistos e tratados como sujeitos apoiados em suas descobertas, bem como acolhe os cuidadores e apoia a ação adulta de estar calmo e atento para observar o brincar de seus pequenos. Além disso, viabiliza-se a possibilidade de observação do desenvolvimento e acolhimento de seus cuidadores como forma de promoção e prevenção de saúde, atendendo à comunidade (Detoni et al., 2024). A oficina foi mediada por profissionais da área da educação (pedagoga e educadora física) e da psicologia.

Nesse contexto, emerge a importância de compreender o corpo não apenas como suporte biológico, mas como dimensão fundante da existência e da relação com o mundo. O corpo é, antes de tudo, o lugar da experiência; desde os primeiros anos de vida, é por meio dele que o sujeito se inscreve no mundo, percebe, age e se transforma. A relação entre corpo e movimento, entre sentir e agir, é um campo de investigação central para compreendermos os processos de constituição do sujeito em sua inteireza (Le Breton, 2008). O bebê, ainda que marcado pela imaturidade neurológica, já traz consigo potências sensório-motoras que lhe permitem se orientar no mundo e buscar o contato, o calor, a voz e os gestos de cuidado. Assim, o seu desenvolvimento não se dá de forma isolada, mas por meio de experiências corporais que integram a percepção, o movimento e o afeto.

De acordo com Parlato-Oliveira (2024), o bebê é visto, atualmente, como um sujeito, dotado de saberes e intencionalidade, que busca o outro ativamente; logo, não está mais colocado em um lugar de passividade, como se pensava anteriormente. Dessa forma, a autora afirma que as pesquisas atuais em torno do bebê nos mostram que há muito mais do que pensávamos quanto às

ações dos bebês, visto que o que é mostrado motoramente não é compatível com o que um bebê já realiza mentalmente.

Na perspectiva de Jean Piaget (1969), o estágio sensório-motor (que se estende, aproximadamente, até os dois anos de idade) é o momento em que a criança constrói seus primeiros esquemas de ação sobre o mundo. A criança conhece o mundo agindo sobre ele, por meio do seu corpo em ação: sugando, agarrando, jogando objetos e experimentando texturas, sons e distâncias. Essas ações repetidas e organizadas vão estruturando a inteligência prática e formando a base para as futuras capacidades cognitivas.

Assim como Piaget (1969), Bullinger (2006) irá oferecer contribuições fundamentais para este estudo, ao pensar a sensório-motricidade como base da construção do conhecimento, articulando percepção, ação e cognição. Da mesma forma, a proposição de ampliação dos sentidos, de Erika Parlato-Oliveira (2024), amplia a compreensão do corpo como campo de percepção interna e de escuta de si, sendo essencial para a organização do movimento e da presença no espaço. Em diálogo com Piaget, Bullinger e Parlato-Oliveira, o pensamento de Maurice Merleau-Ponty (2010) oferece uma chave filosófica fundamental para compreender o corpo não apenas como um organismo biológico ou suporte de funções motoras, mas como condição de possibilidade da experiência e da existência no mundo. Desse modo, deslocamos o olhar, para além da funcionalidade corporal, convocando uma abordagem sensível que valoriza o vivido, o sentir e o experimentar como formas de conhecimento.

Desse modo, este artigo propõe, portanto, uma reflexão sobre o corpo do bebê como território sensível e experiencial, em que se entrelaçam os sentidos, os movimentos e os significados. A partir do diálogo entre diferentes autores e perspectivas, apresentaremos a oficina de brincar com os bebês, que, em sua quarta edição, recebeu oito bebês com idades entre três meses e um ano e seis meses. Nesse formato, foram realizados quatro encontros, com duração de uma hora e meia, que aconteceram no Laboratório das Infâncias (LabInf), na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com uma frequência quinzenal, nos meses de agosto e setembro de 2024.

## **2 Antes da palavra, o corpo**

Falar do corpo do bebê é adentrar um território de descobertas, sensibilidades e relações que se constituem desde os primeiros instantes de vida. Antes mesmo da linguagem verbal, é pelo corpo que o bebê se expressa, percebe o mundo e é percebido. Maurice Merleau-Ponty (2010) oferece o pensamento filosófico fundamental para compreender o corpo não apenas como um organismo biológico ou suporte de funções motoras, e sim como condição de possibilidade da experiência e da existência no mundo.

Para o filósofo Merleau-Ponty (2010, p. 269, *tradução nossa*), o corpo não é um objeto entre outros: “eu sou meu corpo”, afirma ele, em sua obra *Fenomenologia da Percepção*. Essa formulação

rompe com a tradição cartesiana que separa mente e corpo, sujeito e mundo, para afirmar que o corpo é o sujeito da percepção, isto é, é o modo como estamos no mundo de maneira sensível, experiencial, encarnada e situada. Com isso, a motricidade está diretamente envolvida com a percepção, sendo considerada uma das formas fundamentais de intencionalidade e permitindo, assim, nossa interação imediata com o mundo (Oliva, 2024).

Caminha (2019) aborda que o movimento nos posiciona em relação às coisas, permitindo que conheçamos o mundo por diferentes ângulos, de forma a revelar a visão por perspectivas. Diante disso, nas relações entre o ato de perceber e os movimentos corporais – já que, para Merleau-Ponty (2010), perceber é, antes de tudo, pôr-se em relação –, toda percepção é se movimentar em direção a alguma coisa, que não é originalmente uma representação claramente identificada, mas algo que aparece ou se manifesta.

Portanto, conforme Merleau-Ponty (2010), a intencionalidade do sujeito que percebe, pondera a perceber o mundo por meio da sua motricidade, é, originariamente, um “eu posso”, e não um “eu penso”. Trata-se do “movimento da existência” (Caminha, 2019, p. 43), através do qual a sensibilidade e a significação estão imbricadas em um sujeito do movimento que existe apenas enquanto sujeito no próprio movimento.

A intencionalidade de tal movimento que se realiza frente ao mundo é a soma de uma intencionalidade objetiva e outra subjetiva, obtidas através da percepção do sujeito e de seu próprio movimento. Por exemplo, ao arremessar uma bola, o sujeito tem uma totalidade de percepção que muda a cada instante conforme a bola se desloca pelo espaço, ou seja, a soma da percepção da execução do movimento do arremesso, conjuntamente ao objeto arremessado (a bola), ao objetivo que se pretende alcançar (alvo), e uma autopercepção de tudo que o ele próprio (o sujeito) está percebendo. Entretanto, não é possível separar a percepção de si com a percepção de mundo (Souza, 2017, p. 40).

Dessa forma, de acordo com Oliva (2024) reafirma-se o poder elementar da motricidade em criar sentidos e, ao mesmo tempo, reconhecer que, sendo corpo, por ele e através dele, podemos constatar outras potencialidades, tais como: representar, sentir, perceber e imaginar. Em se tratando do corpo em movimento, “vê-se melhor como ele habita o espaço e, também, o tempo, porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assumeativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas” (Merleau-Ponty, 2010, p. 149, *tradução nossa*).

O corpo em movimento, como referem Santos, Caminha e Freitas (2012), sempre será intencionalidade motora, situando o corpo no mundo, posicionando-o em relação às coisas e permitindo conhecê-las de diversos e infinitos pontos de vista, a fim de tornar o sujeito o resultado de todo esse processo constitutivo. Assim, pode-se dizer que:

O corpo próprio possui uma intencionalidade pré-reflexiva. Quando queremos pegar algum objeto, atravessar uma rua, abraçar alguém, pular um obstáculo, chutar uma bola, não é necessário pensarmos que ações devem ser feitas para resultarem em tais acontecimentos, basta movimentarmos o nosso corpo próprio. Esse

engajamento não reflexivo, essa aceitação imediata ao mundo mostra que estamos enraizados numa crença neste mundo na qual não há, em princípio, uma distinção entre pensamento e ato. O corpo é atraído para o objeto. É o gesto de apreensão que torna isso possível (Franco; Santos; Caminha, 2020, p. 5-6).

Assim, o movimento é uma maneira de se relacionar com as coisas e uma forma legítima de conhecê-las: uma cognição sensível. O sentir, pensar, perceber, gesticular, tocar e manipular não são instâncias separadas; para Merleau-Ponty (2010), refletem o movimento existencial, um ato cognitivo que implica a corporeidade e a comunicação, bem como uma intenção ao mundo natural e cultural carregado com os valores, afetos e desejos, de modo que o sentido emergente nessa relação é um sentido vital.

No contexto do desenvolvimento do bebê, essa concepção é particularmente potente, pois o bebê não se percebe inicialmente como um “eu” separado do mundo, e sim como uma presença sensível, que vai, pouco a pouco, constituindo-se enquanto sujeito a partir das relações corporais com o ambiente e com o outro.

A todo momento, os bebês vivem o novo, arriscam-se e, de fato, colocam-se à prova, relacionando-se com o ambiente, com as pessoas e os objetos; por isso, são potentes desde o nascimento.

Quantas vezes presenciamos eles tentarem subir ou descer um degrau, se deslocar, se pendurar, olhar, sorrir, virar o corpo para um objeto para alcançá-lo ou ver uma pessoa e com isso, vão descobrindo e criando estratégias, vão encontrando outras possibilidades pelo caminho, vão experimentando e assim, aprendendo (Giglioli, 2021, p. 15).

Na avaliação da autora, é de suma importância “proporcionar aos bebês a verdadeira experiência, a que oportuniza interações e brincadeiras em um ambiente desafiador, que incentive os bebês em suas descobertas” (Giglioli, 2021, p. 8). A percepção, nesse sentido, é sempre corporal. Os bebês veem, tocam, ouvem, sentem, movimentam-se e são tocados, logo é pela via do corpo que o mundo se revela e que eles se revelam ao mundo.

### **3 A compreensão do desenvolvimento do bebê**

Compreender o desenvolvimento do bebê exige um olhar atento às formas pelas quais o corpo se constitui como base da experiência, do vínculo com o outro e da construção do conhecimento. O bebê está imerso em um processo contínuo de organização perceptiva, afetiva e motora, que será fundamental para seu desenvolvimento global. É nesse contexto que se situam as contribuições de Jean Piaget (1969), André Bullinger (2006) e Erika Parlato-Oliveira (2024), e que, a partir de campos distintos, ajudam-nos a compreender como o sujeito se forma na e pela corporeidade.

Jean Piaget (1969) compreendia o desenvolvimento como um processo contínuo de adaptação, no qual a criança transforma e é transformada pelo ambiente em que vive. À medida que interage com o mundo, ela interpreta novas experiências, com base nos conhecimentos que já possui (assimilação), e, quando essas experiências não se encaixam em suas estruturas mentais anteriores, ela as reorganiza ou modifica (acomodação) (Piaget, 1969). Assim, o conhecimento não é simplesmente recebido, mas construído ativamente pela criança em um movimento constante entre o que já sabe e o que descobre. Alguns autores acrescentam, ainda, a noção de apropriação às duas mencionadas por Piaget, ou seja, como o bebê se apropria de seu organismo e dos objetos do meio (físicos ou sociais), trazendo a possibilidade de transferir um saber prático para uma outra tarefa ou atividade, e, na medida em que essa tarefa se autonomiza, o psiquismo fica liberado para outra coisa (Cassel, 2025).

De acordo com Piaget (1969), o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre em estágios sequenciais. No estágio sensório-motor, que vai desde o nascimento até cerca de dois anos, os bebês aprendem sobre o mundo por meio das interações sensoriais e motoras, desenvolvendo, entre outras habilidades, a noção de permanência do objeto, isto é, a compreensão de que os objetos continuam a existir mesmo quando não estão visíveis, o que marca um importante avanço na construção do pensamento. Após essa fase, seguem-se os estágios pré-operacional (de 2 a 7 anos), operacional concreto (de 7 a 11 anos) e operacional formal (a partir dos 12 anos), nos quais a criança amplia, progressivamente, suas capacidades cognitivas, passando do pensamento simbólico à lógica concreta e, por fim, ao raciocínio abstrato.

André Bullinger (2004 *apud* Cassel, 2025) traz uma perspectiva instrumental, em que o bebê irá controlar os fluxos sensoriais que chegam ao seu organismo, de forma a provocar reações tônicas e emocionais, e criar um equilíbrio para agir de maneira voluntária. “Nesse processo, o papel do meio humano é fundamental para regular a emoção, dar sentido às experiências do bebê, permitir esse controle e a criação progressiva de representações” (Cassel, 2025, p. 148).

O desenvolvimento postural/psicomotor, postulado por Bullinger (2004 *apud* Cassel, 2025), pressupõe a construção de espaços corporais: o espaço uterino; o espaço da gravidade; o espaço oral; o espaço do busto; o espaço de preensão; o espaço do tronco e a criação do eixo corporal; e o espaço do corpo. Seria a partir das coordenações realizadas nos diferentes espaços corporais que o bebê se tornaria capaz de compreender seu corpo como articulado e móvel, no espaço que o rodeia, ou seja, poderia controlar as sensações, buscar interações e se mover, de forma a compreender o seu corpo e o espaço que o contém (Cassel, 2025). Tal construção caracteriza o fim do período sensório-motor.

No entanto, nos primeiros anos de vida, especialmente durante o estágio sensório-motor, o bebê se revela como um sujeito ativo em seu processo de desenvolvimento. Longe de ser um sujeito passivo, o bebê é um sujeito de seus atos e desejos, uma vez que é dotado de intencionalidade, de uma linguagem multimodal, de uma capacidade interpretativa, de um saber perceptual multimodal

sobre o que se apresenta aos seus sentidos, de uma capacidade de construção e criação de saberes e de um aparelho psíquico complexo (Parlato-Oliveira, 2024).

Ao abordar as formas de o bebê se expressar, precisamos considerar a multimodalidade com a qual elas se apresentam. Os bebês produzem enunciados complexos, por meio de expressões realizadas com o que eles dispõem e conseguem controlar; isso significa que eles fazem uso da tonicidade do choro, de expressões faciais e de gestos, que envolvem todo o seu corpo (Parlato-Oliveira, 2024). No entanto:

A multimodalidade da linguagem, não é um repertório de expressões prontas, naturais, comuns a todos os bebês, que podem ser interpretadas todas da mesma forma, independente de quem esteja falando, ela é uma forma pela qual cada bebê se expressa, ela é a fala da linguagem de cada bebê, de forma única e singular (Parlato-Oliveira, 2024, p. 140).

A autora ainda destaca a multimodalidade da percepção, que seria construída a partir da natureza, da cultura e da condição de intérprete do sujeito. Os sistemas sensoriais atuam de maneira complexa e integrada, de modo a compor uma percepção interna do mundo externo e das sensações internas. Além disso, para além dos cinco sentidos (audição, olfato, tato, paladar e visão) associados à construção da percepção, seriam somados mais três: o sistema vestibular, a propriocepção e a interocepção. Esses últimos desempenham um papel importante no sistema integrativo dos processos de construção da realidade (Parlato-Oliveira, 2024).

Dessa forma, compreender o bebê como um sujeito ativo, capaz de interpretar e se expressar por meio das percepções multimodais, exige uma escuta sensível e atenta por parte dos adultos. Nesse contexto, é preciso reconhecer que suas manifestações corporais, emocionais e sensoriais não são apenas respostas automáticas ao ambiente, como também modos singulares de significar o mundo.

## 4 Metodologia

De abordagem qualitativa e natureza exploratória, a oficina de brincar com os bebês vai ao encontro da metodologia de Cabral (2016), ou seja, um espaço organizado com diferentes possibilidades encontradas pelos bebês e pelas suas famílias que lhes favoreça a interação. Para isso, a equipe fez uso de materiais não estruturados e potencializadores para a organização de um contexto rico e disponível, para que os bebês pudessem viver de diferentes modos a brincadeira, reiterando a importância de um contexto físico planejado e potencializador.

A oficina de brincar com os bebês recebeu oito bebês, com idades entre três meses e um ano e seis meses, e suas famílias. Foram realizados quatro encontros, com duração de uma hora e meia, que aconteceram no prédio 9, sala 120, da PUCRS, com uma frequência quinzenal, nos meses de agosto e setembro de 2024.

Os espaços foram organizados com objetos não estruturados, entendidos, também, como “simples”, incluindo recursos diversos, como blocos, argolas, tocos, chocalhos, cestos, colheres, potes, bolas, cones, bonecas, almofadas, bichos de pelúcia, paninhos, objetos de tricô ou crochê, entre outros. Também fizeram parte desse contexto materiais como madeira, palha, bambu, plástico, metal, borracha, papelão, tecido e silicone. De acordo com Soares (2020), a organização do espaço possibilita a experimentação das diversas propriedades dos materiais, assim como desencadeia diferentes atitudes e formas de uso, como golpear, sacudir, atirar, chupar, encaixar e empilhar. Ainda, essas ações produzem complexos efeitos que desafiam a criança na sua interação e desenvolvem a noção de espaço, distância e profundidade.

Nesse contexto, o brincar não se tratou apenas de um entretenimento, mas da atividade principal por meio da qual o bebê descobre o mundo, apropria-se dele e aprende sobre as leis que o organizam. Com isso, o ambiente ao seu redor se torna um laboratório, e a organização do espaço e os objetos colocados geram condições de desafios, explorações, aprendizados e investigações para o bebê (Soares, 2020).

Para tanto, utilizamos como instrumento de coleta de dados a técnica de observação participante com descrição não estruturada, que consiste “em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 89). Como caracterizado pelos autores, nesse tipo de observação, o conhecimento é obtido através da experiência espontânea, livre e informal. Durante as observações, foram tomados alguns cuidados, como manter certo distanciamento dos bebês para não intervir em situações do cotidiano. Foi utilizado um roteiro de observação, no qual foram levados em conta a escolha e o olhar para o desenvolvimento motor dos bebês, sendo, depois, registrado em relatórios. Esses relatórios foram produzidos logo após cada encontro, com registros em formato de diário de campo.

Para a análise dos dados, adotaram-se os procedimentos da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016). Inicialmente, realizou-se a pré-análise, por meio de leituras flutuantes dos diários de campo, visando à organização do corpus e à aproximação com o material empírico. Na etapa de exploração do material, definiram-se, como unidades de registro, os excertos dos relatos observacionais relacionados às ações corporais dos bebês, aos olhares e às interações com os materiais, com o espaço e com os adultos. As unidades de contexto corresponderam às situações observadas em sua totalidade, considerando o ambiente, a organização do espaço e os materiais disponibilizados.

O processo de codificação ocorreu a partir da identificação de recorrências e regularidades nos registros, permitindo a construção indutiva das categorias de análise em diálogo com o referencial teórico. Desse processo emergiram as seguintes categorias: corporeidade como expressão de subjetividade; olhar como gesto intencional e antecipatório; e ambiente como mediador de vínculos e descobertas.

Por fim, a inferência e interpretação dos dados consistiram na articulação entre as categorias construídas e os referenciais teóricos do estudo, possibilitando compreender os sentidos atribuídos às experiências de brincar para o desenvolvimento e a constituição dos bebês, em um contexto intencionalmente organizado e potencializador.

## 5 O corpo como primeira linguagem do bebê

A análise dos registros observacionais, produzidos ao longo da oficina de brincar com os bebês, evidenciou três categorias centrais, a partir das quais os resultados foram organizados: (i) corporeidade como expressão de subjetividade, referente às formas singulares pelas quais os bebês manifestam suas sensações, suas emoções e seus interesses por meio do corpo, demonstrando que a experiência corporal é um meio de perceber e interagir com o mundo; (ii) olhar como gesto intencional e antecipatório, destacando a importância do olhar como instrumento de exploração e comunicação, de forma a evidenciar escolhas, expectativas e formas de engajamento com o ambiente e com os materiais; (iii) ambiente como mediador de vínculos e descobertas, ao enfatizar como o espaço organizado e os objetos disponibilizados constituem oportunidades de experimentação, aprendizagem e construção de relações afetivas entre bebês, famílias e mediadores.

A partir da análise da primeira categoria, torna-se possível compreender o corpo do bebê como veículo de linguagem com o mundo. Os dados revelaram a intencionalidade dos bebês nas explorações, na capacidade de perceber e interpretar o entorno e na importância das experiências corporais no processo de construção de saberes. Como destaca Parlato-Oliveira (2024), o bebê é um sujeito de desejos, de linguagem e de saberes; sendo assim, foi a partir dessa concepção que os dados foram analisados, buscando compreender como o corpo atua como meio de expressão, comunicação e construção de mundo nos primeiros anos de vida.

Logo no primeiro encontro, percebemos o quanto o apoio da família foi importante para que o bebê ganhasse confiança e ampliasse o vínculo com o espaço, os objetos e os adultos no entorno, assim como evidenciado no respectivo relatório:

A interação entre as famílias se intensificou à medida que elas se acomodavam no espaço, buscando o conforto de seus bebês e explorando os objetos disponíveis. Com o tempo, começaram a entender a proposta da oficina: brincar com seus filhos de maneira livre, sem a interferência de outros adultos ou a direção de profissionais. Esse ambiente propício permitiu que pais e bebês se conectassem, compartilhando experiências e criando laços. A troca de vivências tornou-se uma parte essencial desse momento, promovendo um senso de comunidade e apoio mútuo entre as famílias (Relatório 1º encontro).

Diante disso, o bebê interage com o seu corpo e o seu entorno, procurando construir um saber sobre o que está se apresentando a ele (Parlato-Oliveira, 2024).

O outro oferece algo ao bebê, para que ele se aproprie, mas esta apropriação não será realizada mediante as instruções, por maior que seja o esforço pedagógico, ela será feita por meio do trabalho interpretativo do bebê, que irá construir para si a representação perceptual do que lhe foi oferecido, para além ou aquém das expectativas e vontades de quem lhe ofereceu (Parlato-Oliveira, 2024, p. 160).

Assim como infere a autora, a organização dos espaços possibilita ao bebê a liberdade para interagir e explorar o espaço, de forma segura, o que oportuniza a ampliação das formas de movimentação desse bebê, bem como a interação com o outro. Os relatórios revelam essa dinâmica:

Os bebês, com seus olhares curiosos, exploravam cada cantinho do espaço. Tudo era novo e fascinante para eles: os brinquedos coloridos, os adultos interagindo e a atmosfera acolhedora ao redor. Gradualmente, começaram a brincar com os objetos disponíveis, mostrando seu interesse e desenvolvendo suas habilidades motoras. Alguns, mais audaciosos e independentes, se desafiavam ao subir e descer da rampa, brincar no trocador ou se equilibrar na trave, sempre sob a orientação atenta de seus pais. Enquanto isso, os bebês mais novos recebiam o estímulo carinhoso de seus pais, que os aproximavam dos outros pequenos, sentando-os e colocando-os de bruços para que pudesse explorar juntos (Relatório 1º encontro).

A interação não apenas despertava a curiosidade dos bebês, mas também fortalecia os laços afetivos com seus responsáveis, criando momentos de descoberta e diversão em família. Assim, a troca de experiências entre as crianças e os pais se tornava um elemento fundamental, promovendo um ambiente de aprendizado e apoio mútuo.

Com o passar do tempo, as famílias foram se sentindo mais tranquilas e à vontade, começando a interagir entre si. Alguns pais decidiram tirar os calçados, permitindo-se movimentar mais livremente com seus filhos, enquanto outros se deitaram no chão, criando um ambiente ainda mais acolhedor. Nesse clima de descontração, algumas mães aproveitaram para amamentar seus bebês, sentindo-se confortáveis e apoiadas (Relatório 1º encontro).

A proposta da oficina incentivou um brincar espontâneo, através de um ambiente calmo e luminoso, no qual os bebês puderam explorar esse brincar livremente. Ainda, a organização do espaço para esse brincar livre possibilitou que cada um respondesse conforme suas necessidades e seus processos de desenvolvimento, estimulando a confiança em si mesmo e autonomia. Nesse sentido, de acordo com Soares (2020), a equipe de profissionais busca estabelecer uma relação de observação atenta, para o compartilhamento de possíveis descobertas e conquistas, mas deve resistir ao impulso da intervenção.

A cada encontro planejado com intencionalidade, foi possível observar a expressão da subjetividade de cada bebê, por meio de suas escolhas, seus ritmos e suas formas singulares de interação com o ambiente. Ao respeitar os tempos e as formas próprias de exploração, o espaço se transformou em um território de descobertas, em que os bebês puderam manifestar seus interesses e desejos individuais. Essa escuta atenta ao corpo e às expressões dos pequenos revelou não

apenas suas ações motoras, mas também suas intenções e seus modos únicos de estar no mundo, reafirmando a importância de um ambiente que acolha e valorize a singularidade de cada criança.

L. (17 meses) movimentou-se por todo o espaço, subindo as escadas do trocador e explorando os objetos que sua mãe lhe oferecia. Ao notar que H. (17 meses) estava subindo, ele pediu para que sua mãe o deixasse descer, buscando novos lugares para explorar. Com entusiasmo, L. manipulou os lápis de cor, retirando-os do pote e organizando-os novamente, demonstrando sua curiosidade e habilidades motoras. Em seguida, ele se sentou no chão para olhar os livros, folheando as páginas enquanto escutava sua mãe contar uma história (Relatório 1º encontro).

H. (17 meses) chegou com a mãe no carrinho e parecia ansiosa para sair do mesmo e começar a explorar o ambiente. Assim que a mãe soltou o cinto, H. já deslizou do carrinho para o chão e começou a andar pelo espaço. Ela começou a pegar alguns objetos e explorar os objetos que estavam nos caixotes, trouxe um livro e entregou para a mãe, sempre dizendo “uau” para cada coisa nova que encontrava ou fazia (Relatório 2º encontro).

T. (4 meses) estava bastante sorridente, logo começou a se movimentar para alcançar os objetos. Ficou um tempo de bruços, e a mãe comentou que ele não costuma ficar tanto tempo assim em casa, provavelmente o que favorecia era a interação com os outros e o fato de estar observando tudo. A mãe de M. (7 meses) comentou que ele não gosta, nunca gostou de ficar de bruços (Relatório 2º encontro).

Conforme nos aponta Merleau-Ponty (2010), o corpo não é apenas um objeto no mundo, e sim o sujeito da percepção; é por meio do corpo que nos comunicamos, significamos e relacionamos com o outro e com o meio. Assim, reconhecer a corporeidade como expressão de subjetividade nos convida a considerar os gestos, olhares e movimentos dos bebês como linguagem legítima e potente, repleta de sentido e intencionalidade.

Entre essas expressões corporais, destaca-se o olhar como uma das primeiras formas de comunicação e de relação com o mundo. Por isso, a segunda categoria trata do olhar como gesto intencional e antecipatório, evidenciando como, mesmo antes de alcançar fisicamente determinados objetos ou espaços, o bebê já os procura por meio da intenção expressa no olhar, que carrega desejo, curiosidade e projeção de movimento.

O olhar aparece, nas observações, como ação repleta de intenção, desejo e curiosidade. Amparadas pelas concepções de Merleau-Ponty (2010) e Parlato-Oliveira (2024), as análises apontam que o olhar permite ao bebê antecipar ações motoras ainda não possíveis, construindo vínculos com o espaço e com o outro.

Em diversos momentos, era possível observar os bebês interagindo e percebendo seu corpo, através dos sentidos, bem como comunicando, a partir do olhar, que gostariam de poder explorar mais longe, onde ainda não alcançam sozinhos, conforme o trecho a seguir:

Ficou sentindo a grama sintética com as mãos, eu imitei o movimento que ele fazia e comentei sobre a textura da grama. A mãe alcançou para ele um carrinho e o caminhão, ele pegou o carrinho e logo colocou na boca. Já senta sem apoio e fica muito firme por bastante tempo. Interage com o olhar e faz gestos e sons para mim e para a mãe. Se esticou todo para alcançar outros brinquedos. [...] Em alguns

momentos, T. (5 meses) mexia os braços e fazia alguns sons, parecendo querer conversar e pedir colo para levá-lo mais longe do que ele estava conseguindo ir sozinho. Em um momento, ficou mais claro que ele gostaria de chegar mais perto da cabana, mas a mãe sentou entre ele e a cabana e seguiu incentivando e ajudando de forma mais sutil para que ele se movimentasse e pudesse chegar mais perto (Relatório 4º encontro).

O olhar permite ao bebê romper com os limites impostos pelo seu corpo, enquanto ainda não consegue lidar com a força da gravidade que limita as suas ações motoras, ou seja, é através do olhar que ele vai lidar com o que está longe do seu alcance por não poder ser buscado pelos atos motores (Parlato-Oliveira, 2024).

Esse movimento de antecipação e intenção já pode ser compreendido; segundo Piaget (1969), o estágio sensório-motor evidencia como a criança, desde os primeiros meses de vida, constrói esquemas de ação entre percepção e movimento. O olhar, nesse contexto, não é passivo, mas ativo: ele busca, antecipa e dirige a atenção para o que o corpo ainda não pode alcançar, revelando uma inteligência em ato.

Sob a perspectiva fenomenológica, Merleau-Ponty (2010) nos convida a compreender que o corpo não é apenas um objeto no mundo, como também o próprio sujeito da percepção. O olhar é parte integrante da corporeidade: um gesto que carrega sentido, desejo e presença. Ao olhar, o bebê se projeta no mundo, ultrapassa os limites do corpo físico e anuncia suas intenções com profundidade silenciosa. Em sua pesquisa, Oliva (2024) propõe compreender a corporeidade como fenômeno, sentido e expressão de subjetividade. Deve-se entender que o corpo que brinca, olha e se movimenta intencionalmente em busca de sentido é um corpo que significa, sente, comunica-se e transforma o ambiente ao seu redor.

Um pouco passado de 14h, chegou também o T. (5 meses), com sua mãe. Nesse momento, L. (18 meses) estava sentado em cima da mesa, e a mãe do T. se aproximou com o bebê no colo e se apresentou. Ficaram ali **trocando olhares**, e a mãe do T. o trouxe para sentar no chão. T. ficou explorando a bacia com diversos objetos, sentadinho mais firme e, por vezes, se esticando todo para alcançar os objetos [...]. T. se deslocou pelo espaço do LabInf com os pés apoiados nos pés ou mãos da mãe, rastejando até o máximo que conseguia ir. **Como incentivo, parecia querer chegar até alguns brinquedos** (Relatório 3º encontro, *grifo nosso*).

Reconhecer o bebê como sujeito corpóreo é assumir um compromisso ético com a escuta, o olhar, a observação e a criação de espaços que respeitem seus tempos e suas potencialidades.

Portanto, não menos importante, a terceira categoria irá tratar do ambiente como mediador de vínculos e descobertas, referindo-se à importância do espaço organizado de forma acolhedora e intencional. Nesse sentido, a oficina de brincar revelou que, quando o ambiente é acolhedor e cuidadosamente organizado, respeitando a autonomia dos bebês, transforma-se em um território de experiências potentes, no qual o corpo é, ao mesmo tempo, presença, linguagem e conhecimento em movimento.

L. (18 meses) explorou mais os tecidos pendurados, e T. (5 meses) observou muito da movimentação dele pelo espaço. Explorou mais os brinquedos de madeira, subiu e desceu, por diversas vezes, as escadas do trocador. Comentamos com a mãe que poderia ajudá-lo a descer de joelhos, para que pudesse adquirir mais segurança para descer sozinho. **Subiu na poltrona e começou a dar sinais de cansaço, pedindo o bico e se aconchegando, mas, ao mesmo tempo, se agitando, parecendo não querer deixar passar o tempo que tinha para aproveitar a oficina.** L. e a mãe chegaram a se arrumar para ir embora e se despediram, mas acabaram ficando por mais tempo. Ele ainda explorou a cabana, entrando dentro dela e pegando os bichinhos de crochê e livros. Ficou mais perto de mim, explorando os livros que estavam por ali, momento em que fui nomeando os livros, convidando ele a ler, lendo os títulos e frases que conseguia visualizar, interagindo e perguntando onde estavam os personagens. Ele também empurrou o carrinho e empurrou o “balanço” até a porta, trazendo de volta e depois empurrando de novo (Relatório 3º encontro, *grifo nosso*).

Essas trocas favoreceram a construção de vínculos e trocas significativas entre as famílias e os bebês, o que marcou momentos importantes de vivência, assegurando os espaços como potencializadores da autonomia e das interações espontâneas, de acordo com Parlato-Oliveira (2024) e Soares (2020). A dinâmica de trocas, em um espaço acolhedor, ficou claramente evidenciada no relatório do terceiro encontro: “ambos exploraram muito o espaço e materiais disponíveis. As mães trocaram experiências e trouxeram algumas preocupações e expectativas, sobre as quais pudemos conversar”.

Durante o período em que aconteceram os encontros, foi possível acompanhar as transformações e conquistas referentes ao desenvolvimento dos bebês – por exemplo, quanto aos espaços postulados por Bullinger (1993 *apud* Cassel, 2025). T. estava com quatro meses quando começaram os encontros e, ao final da oficina, já estava completando seis meses, o que nos possibilitou observar as conquistas do *espaço de preensão*, do *espaço do tronco* e da criação do *eixo corporal*.

T. (4 meses) interage bastante com o olhar, se movimenta bastante, parecendo querer já sair caminhando e explorando o ambiente todo. Brincou bastante. Já rola e fica de barriga para baixo, se arrasta para a frente se tem apoio para impulsionar os pés (Relatório 1º encontro).

T. chegou já bem mais tarde, a mãe havia avisado que ele estava dormindo e iria aguardar ele acordar para sair de casa. Ao chegarem, a mãe já comunica a última aquisição do menino, que já fica sentado sem apoio, colocando-o, assim, no chão, perto de M., e sua mãe. T. estava bastante sorridente, logo começou a se movimentar para alcançar os objetos (Relatório 2º encontro).

T. (5 meses) se esticou todo para chegar mais perto e tentar observar o que o colega estava fazendo. Também ficou em uma interação de “esconde-esconde” com a R. (equipe), chamando ela para voltar a brincar quando ela se “escondia”. Por um período, ficou interagindo com o L., cada um de um lado do túnel (Relatório 3º encontro).

T. já consegue se arrastar de barriga para baixo sem apoio nos pés, faz força e fica ajoelhado ou com os pés no chão e a bunda para o alto, mas ainda não consegue mover os braços, desequilibra quando tira um deles do chão e acaba caindo (Relatório 4º encontro).

Pudemos perceber que uma amplitude maior dos movimentos foi se dando a cada encontro, em que foi possível alcançar os objetos, para além do olhar, através das ações motoras. Além disso, a exploração oral já não era mais tão presente, e as mãos passaram a explorar as sensações e os objetos.

O espaço oferecido para a oficina proporcionou, também, uma reflexão a respeito da organização dos espaços e ambientes que oferecemos para os bebês. A maneira como entendemos os bebês e seus saberes faz diferença no momento de pensar e organizar um espaço para recebê-los, influenciando diretamente o modo como iremos favorecer – ou não – seu desenvolvimento e sua exploração (Detoni, 2025).

## **6 Considerações finais**

Este trabalho objetivou, a partir da vivência da oficina de brincar com bebês, observar e analisar o quanto os bebês nos ensinam sobre eles, entendendo-os como sujeitos de saberes e desejos, que se comunicam mediante uma linguagem multimodal, e compreendendo o corpo deles como território sensível e experiencial. A oficina proporcionou um ambiente pensado para essa faixa etária, de forma a possibilitar a exploração de sentidos e vivenciar as transformações do desenvolvimento.

A análise das observações, sustentada pelos referenciais teóricos de Piaget (1969), Bullinger (2006), Merleau-Ponty (2010) e Parlato-Oliveira (2024) tornou ainda mais evidente a atuação dos bebês como sujeitos ativos, sensíveis e intencionais, capazes de se comunicar, explorar e transformar os espaços por meio de suas ações corporais, perceptivas e relacionais.

Ao longo dos encontros, observou-se como a corporeidade, desde os gestos mais sutis até os movimentos mais amplos, revelou os desejos, as emoções e os sentidos colocados em cada intencionalidade, configurando-se como expressão legítima da linguagem do bebê. Esse processo se torna relevante para o desenvolvimento integral do bebê no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social. A corporeidade, enquanto expressão da subjetividade, quando acolhida, potencializa a confiança do bebê em sua própria ação, estimulando a criatividade, a curiosidade e a capacidade de interação com o ambiente.

Dessa forma, as vivências oferecidas deixam claro que o ambiente cuidadosamente preparado e intencionalmente organizado desempenhou um papel importante na oficina, reafirmando a importância de espaços que respeitem a singularidade de cada bebê e reconheçam sua potência no processo de desenvolvimento. Assim, a oficina de brincar com bebês se revelou não só um espaço físico, mas um ambiente relacional e afetivo, em que corpo, linguagem e desenvolvimento se entrelaçam de forma viva e significativa.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se que a pesquisa ocorreu em um contexto específico, em apenas quatro encontros, o que pode restringir a generalização dos resultados. Como sugestões para futuras pesquisas, recomenda-se investigar a interação entre bebês, famílias

e profissionais em oficinas prolongadas, bem como explorar, de forma mais detalhada, como diferentes tipos de materiais e ambientes influenciam a expressão corporal, a comunicação e a construção de vínculos afetivos, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre o brincar e o desenvolvimento na primeira infância.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BULLINGER, A. Aproche sensoriomotrice des troubles envahissants du développement. **Contraste**, [S. I.J, v. 2, n. 5, p. 125-139, 2006. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-contraste-2006-2-page125?lang=fr>. Acesso em: 13 maio 2025.

CABRAL, Marta. **As coisas partidas podem ser bonitas: crianças pequenas exploram e brincam com arte**. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância, 2016.

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CASSEL, Raquel. A construção das representações corporais no bebê: aspectos sensório-motores. In: SANTOS, Janaína; MALAQUIAS, Jéssica Vaz (Org.). **Psicologia do desenvolvimento: Infância e Adolescência – Olhares psicanalíticos e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2025. p.143-174.

DETTONI, Bruna. **Desenvolvimento integral de bebês e atenção às possibilidades de intervenção a tempo: uma proposta de formação para profissionais da creche**. 2025. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

DETTONI, Bruna; BRITO, Laura; ABREU, Bárbara Cecília Marques; GIMENEZ, Júlia Saraiva; ADAMS, Júlia; SANTOS, Andréia Mendes dos. Experiência do brincar do bebê e da criança pequena: contribuições para pensar a Educação Infantil. In: SANTOS, Andréia Mendes dos; OLIVA, Rubiane Severo; DETONI, Bruna; BRITO, Laura (Org.). **A escola em debate: conexões entre cotidiano e experiência**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024. E-book. p. 37-54. Disponível em: <https://doi.org/10.36592/9786554601733>. Acesso em: 09 jan. 2026.

FRANCO, Marcel Alves; SANTOS, Luiz Anselmo Menezes; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **SUBJETIVIDADE, CORPO E INTERCORPOREIDADE A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**. **HOLOS**, [S. I.J, v. 8, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9620>. Acesso em: 20 jan. 2026.

GIGIOLI, Maria Elisa Nicolielo. **Brincando e interagindo na educação infantil: experiências de bebês no cotidiano de práticas educativas**. 2021. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE BRETON, David. **Interacionismo simbólico**. 2. ed. Paris: PUF, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of Perception**. Londres: Routledge, 2010. E-book. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203720714>. Acesso em: 09 jan. 2026.

OLIVA, Rubiane Severo. **A corporeidade como fenômeno, sentido e expressão do corpo.** 2024. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Fundamentos para uma clínica psicanalítica do bebê.** São Paulo: Instituto Langage, 2024.

PIAGET, Jean. **Psychologie et Pédagogie.** Paris: Denoël, 1969.

SANTOS Luiz Anselmo Menezes; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. O corpo próprio como princípio educativo: reflexões a partir das contribuições de Merleau-Ponty. In: HERMIDA, Jorge Fernando; ZOBOLI, Fábio (Org.). **Corporeidade e Educação.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 77-114.

SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos.** 2. ed. São Paulo: Omisciência, 2020.

SOUZA, Sandra Rosa Almeida. **O corpo e a corporeidade na educação infantil: análise de dissertações e teses (2010 – 2016).** 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017.

---

#### **Contribuições dos Autores (CRediT)**

**Bruna Detoni:** Conceitualização; Curadoria dos Dados; Investigação; Metodologia; Validação; Visualização; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

**Rubiane Severo Oliva:** Conceitualização; Curadoria dos Dados; Investigação; Metodologia; Validação; Visualização; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

#### **Conflitos de Interesses:**

Conforme a política editorial da revista, as autoras declaram não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

#### **Financiamento:**

Esta pesquisa não recebeu financiamento.

#### **Aprovação ÉTICA:**

Não se aplica.

#### **Agradecimentos**

Não se aplica.

#### **Como citar este artigo (ABNT):**

DETTONI, Bruna; OLIVA, Rubiane Severo. Oficina de brincar com bebês: corpo e linguagem. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162611, p.1-16, jan/dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11039>. Acesso em: [inserir data de acesso].

#### **Editor Responsável:**

Deivid Alex dos Santos.